



Camdessus, diretor-gerente do FMI(E), se reunirá com o ministro da Economia argentino, Rapanelli: acordo à vista

Nações ricas e pobres definem suas posições

Terceiro Mundo quer destaque para dívida, enquanto ricos pensam no dólar mais estável

WASHINGTON — A assembleia anual conjunta do Fundo Monetário Internacional e do Banco Mundial começa com um conflito entre os países industrializados e os em vias de desenvolvimento: enquanto os ricos estão mais propensos a debater questões como a estabilidade do dólar norte-americano e os déficits comerciais, as nações do Terceiro Mundo querem que o destaque desta assembleia seja o problema da dívida externa. Ontem, na abertura dos trabalhos preparatórios da assembleia, os vice-ministros da área econômica dos países que formam o Grupo

dos 24 (ver box), que reúne as principais nações do Terceiro Mundo, redigiram um documento em que exigem mais tempo dos debates para a questão do endividamento externo dos países pobres.

Este documento adverte para redução do crescimento econômico mundial — que em 89 baixaria a 3,1%, contra os 4% de 88 — e afirma que a dívida externa terceiro-mundista ultrapassará este ano os US\$ 1,3 bilhão. Para os representantes do G-24, a dívida externa posa como o principal obstáculo para as relações comerciais mundiais, “muito mais que a questão do dólar ou os problemas de desequilíbrio do balanço de contas correntes dos países desenvolvidos”. O texto deixa claro que além da instabilidade política, a crise do

endividamento repercute no próprio desenvolvimento da economia mundial “ao impedir o intercâmbio entre nações desenvolvidas e as em desenvolvimento”.

Os representantes latino-americanos também anunciaram que aguardam com muita expectativa a reunião do grupo das nações industrializadas (G-7 e G-10), durante o fim de semana. As declarações do ministro suíço das Finanças, Otto Stich, de que as nações ricas devem reduzir as dívidas dos países mais pobres e retomar o fluxo de investimentos, foi considerado um sinal positivo do rumo provável das conversações. Ontem, entretanto, um porta-voz do Ministério das Finanças alemão descartou a possibilidade de o FMI duplicar seus recursos para poder jogar um papel mais importante na estratégia de redução da dívida.